



Arthur Lourenço Bezerra Soares, nove anos. São Luís do Quitunde - AL

EDITORIAL

EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA COLMEIA EM TRABALHO FECUNDO!

Por *Adriana Pastorello Buim Arena*

A educação infantil é um tempo educacional das crianças na sociedade brasileira em que elas passam muito tempo de sua vida escolar. O tempo é precioso para aprendizagens, e, consequentemente, para o desenvolvimento. Portanto, basta de classes fechadas, de liçõezinhas de ligar o coelhinho na casinha, de preencher o pontilhado, de pintar respeitando o contorno do barbante ou desenhar os traçados das letras.

Criança é vida!!! Ela quer a interação com o meio e com os Outros, como os adultos. Ela deseja estar no mundo pulsante e vivo para se sentir parte dele.

Nesta edição, você perceberá que a professora Maiara Barbosa criou condições para que as crianças explorassem a natureza, saíssem da sala para “observar minuciosamente o entorno”, e com olhinhos ávidos de curiosidade viram abelhas trabalhando! Pronto!! Tudo começou nesse momento. Essa imersão no ambiente natural estimulou a formulação de perguntas, a busca por respostas e o desenvolvimento do respeito pela vida e pela diversidade, condutas e informações cruciais para a formação de cidadãos engajados com a sustentabilidade, tão ameaçada globalmente pelos interesses econômicos do capital. A base de tudo se constrói no tempo da educação infantil. A criança não nasce politicamente correta, não nasce moralmente formada, não tem o

senso de justiça e de igualdade marcados em seus genes. O Outro tem papel fundamental nessa construção. A professora é o Outro muito presente na vidinha das crianças, porque tem quatro horas de interação por dia, no mínimo. Como intensificar essa interação? Dando espaço para a vida entrar na sala de aula, como fez a professora Maiara Barbosa.

Nesse cenário de infinitas possibilidades, aparecem a leitura, a visita à casa do biólogo, a receita de bolacha. Os mais velhos ensinando os mais novos, a troca dialogada sobre saberes experienciados de maneiras peculiares por uns e por outros, um processo de interação verbal real. Desta maneira, as crianças sentem que a escola é um ponto de encontro, de trocas de saberes, de alegria, de aprendizagem. Querem estar ali, naquele grupo-classe onde compartilham desejos e desenvolvem atividades interessantes.

Leitores e leitoras do Nahum, abracem o tempo da educação infantil e do ensino fundamental com entusiasmo e dedicação. Planejem e ofereçam um ambiente rico em materiais variados e, acima de tudo, ofereçam condições de liberdade para a troca social e cultural. É um tempo importantíssimo no grande tempo.

Vamos construir juntos um educação humanizadora!

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR

POR QUE E PARA QUE APRENDER A LER E A ESCREVER?

Por Greice Ferreira da Silva

Estas perguntas, que, aparentemente, encontram respostas óbvias, podem esconder aspectos cruciais que orientam os modos de ensinar. Parece haver consenso no entendimento de que a leitura e a escrita são fundamentais para se viver em uma sociedade que se organiza por meio da escrita e exige o seu uso cotidiano nas relações sociais.

A grande preocupação da escola e dos professores é a de alfabetizar crianças para formar leitores e criadores de textos organizados em gêneros. Essa preocupação é compreensível porque a escrita é um instrumento que permite a participação das pessoas na cultura letrada e proporciona-lhes o acesso, não somente às informações que facilitam o seu dia a dia, mas também ao conjunto do conhecimento criado e organizado ao longo da história, que pode ser usado por elas para promover seu desenvolvimento intelectual.

Entretanto, algumas vezes esse consenso se desmorona diante das contradições observadas na forma de ensinar a linguagem escrita, porque as escolhas metodológicas e as práticas pedagógicas estão vinculadas a concepções e conceitos já elaborados pelo professor, que interferem diretamente nas aprendizagens das crianças e nas relações que elas podem estabelecer com a escrita.

Inserir a criança na cultura encharcada pelo gráfico, oferecendo apenas materiais e situações em que ela se depara apenas com informações formais da língua, é correr o risco de ensinar uma técnica e reduzir o ensino à mera codificação, ação que a desvia da real apropriação da linguagem escrita e de sua participação ativa na cultura.

Quando isso ocorre, ensina-se fragmentos formais de uma língua imóvel, mas não se ensina a linguagem escrita viva, dinâmica, plena dos sentidos que nascem nas e das relações sociais. O que orienta a apropriação da escrita são as relações dialógicas que a criança estabelece com ela por meio de situações promotoras de aprendizagem.

Um ensino calcado na identificação e no traçados das letras, ou ainda na compreensão das regras

gramaticais, ortográficas e sintáticas desvinculadas de um contexto e de um fazer que não condiz com a necessidade dos sujeitos aprendentes, é uma das concepções de ensino e de aprendizagem da língua vigente no ensino oficial, que simula e dificulta a aprendizagem da leitura e da escrita.

Freinet, grande professor e militante de uma educação impregnada de vida, já alertava que “As crianças se interessam pela vida do seu meio, pelas flutuações da natureza e dos trabalhos, e que gostariam de estudar principalmente aquilo que lhes diz respeito”. (1969, p. 133-134). Esta afirmação de Freinet remete ao pressuposto de que a criança é, desde pequena, capaz de estabelecer relações com o mundo que a cerca e de atribuir sentidos a ele. Com base nestas considerações, o processo de ensino com a criança deve ser provocador de suas aprendizagens e do seu desenvolvimento, e deve estar intimamente relacionado com suas experiências, com o seu desejo de trocas sociais, seu desejo de conhecer; enfim, com educação e ensino desenvolvintes (Davidov, 1988).

O aspecto fundamental nesta discussão está em compreender que a forma como a linguagem escrita é apresentada às crianças desde pequenas e as relações que estabelecem com ela são essenciais para o processo de sua formação. Vygotski enfatiza que “(...) o ensino deve organizar-se de forma que a leitura e a escrita sejam necessárias de algum modo para a criança. (...) a escrita deve ter sentido para a criança, deve ser provocada por necessidade natural, como uma tarefa vital que é imprescindível. Unicamente então estaremos seguros de que a escrita se desenvolverá na criança não como um hábito de mãos e dedos, mas como um tipo realmente novo e complexo de linguagem.” (Vygotski, 1995, p. 201).

O problema reside no fato de como as crianças são alfabetizadas, a forma como esse processo é conduzido pelos órgãos oficiais, isto é, de forma fragmentada, em que uma técnica estéril se sobrepõe à criação de sentidos e ao desejo de troca social. Parece ser justo que as crianças sejam alfabetizadas

com propostas pedagógicas consistentes e organizadas, mas é preciso ter clareza de que alfabetizar não é aprender o domínio de uma técnica, mas ao contrário, é pôr o ser humano no mundo da escrita, de maneira que ele possa transitar pelos gêneros enunciativos, saber utilizá-los nas diferentes situações em que se façam necessários, ter condições de operar criticamente com os modos de pensar e co-criar a cultura escrita.

Freinet (1969, p. 53) enfatiza que “a escrita só tem sentido se nos sentimos obrigados a recorrer a ela, a fim de comunicarmos o nosso pensamento fora do alcance da voz, para além das portas da escola.” Esta proposição freinetiana remete à ideia da necessidade da escrita na vida das pessoas que vivem numa sociedade que lê e escreve. Como um instrumento cultural complexo a escrita se mantém e se reorganiza constantemente pela necessidade de troca do sujeito com o Outro.

Ao ensinar o ato de ler e o ato de escrever, devemos ensinar as condutas intelectuais, sociais, culturais e históricas que envolvem e requerem esses atos. “Ensinar a ler, na cultura escolar, é ensinar a sonorizar. Isso é histórico”. (Arena, 2013, p. 70). Se ensinarmos a sonorizar, não ensinamos o ato cultural de ler que criamos e recriamos ao longo da história; ensinamos uma técnica que os homens também elaboraram ao longo da construção da escrita. “É por isso que ensinar a ler e escrever, a compreender o mundo pela escrita, tanto lendo quanto escrevendo, é uma alavanca para o desenvolvimento humano. Privar alguém disso significa privá-lo de uma potente ferramenta de evolução intelectual”. (Arena, 2013, p. 73).

Ao se responder à pergunta inicial por que e para que aprender a ler e a escrever, entende-se que é justamente para garantir que as crianças participem da sociedade, se sintam pertencentes e se tornem cidadãos. E Isso só é possível se testemunharem e vivenciarem atos de leitura e de escrita em situações reais de uso, se se colocarem na relação com o outro.

“Alfabetizar é um estado de espírito. [...] O material da alfabetização está na vida. O conteúdo é a vida”, como defende Arena (2021). Então é inadmissível um ensino dos atos culturais de ler e de escrever apartados da vida. Assim, considera-se que o conhecimento é, sem dúvida, fator de desenvolvimento e humanização, mas, para que o conhecimento

edueque, é preciso antes educar no sujeito uma atitude em relação ao conhecimento (Leontiev, 1978). Essa atitude diante do conhecimento se dá pela forma como esse conteúdo é apresentado, pelas situações planejadas pelo professor, pela escuta, pela observação atenta às situações que ocorrem nas relações com as crianças, pelas condições elaboradas para a criação de necessidades humanizadoras como a de conhecer, de saber, de investigar, de cooperar, de resolver problemas, de ler e de escrever num diálogo ininterrupto com a vida.

Quanto mais ricas e diversificadas forem as experiências vividas pelas crianças dentro e fora da escola, mais necessidades as crianças terão em seu processo de diálogo com o Outro por meio da linguagem escrita. Para aprender a ler e a escrever é imprescindível que a criança vivencie o papel das práticas sociais, participando da vida na escola, registrando suas vivências, pensando sobre a linguagem escrita no fluxo das interações entre as pessoas. Tudo isso garante a apropriação dos atos de ler e escrever, considerados atos culturais.

Referências

ARENA, D. B. Do mundo oral para o mundo da cultura escrita: concepções, conteúdos e metodologias em debate. In: *Anais do V Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em Educação e XV Semana de Educação* [livro eletrônico]: da formação à ação docente: impactos na educação escolar, 08 a 10 de maio de 2013, 2013, Londrina-PR., v. 1. p. 65-81.

DAVIDOV, V. *La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico*. URSS: Editorial Progreso, 1988.

FREINET, C. *Para uma Escola do Povo*: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. Lisboa: Editorial Presença, 1969.

LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

VYGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Madrid: Visor, v. 3, 1995.

EU FAÇO ASSIM

PEQUENAS NO TAMANHO, GRANDES NA IMPORTÂNCIA

Por *Maiara Barbosa*

As ações que aqui relato foram realizadas em uma escola no município de Capinzal - SC, com uma turma de segundo ano.

Num dia de sol, fomos ao pátio da escola para observar detalhada e minuciosamente o entorno. Na horta, as crianças observaram uma abelha entrando e saindo de uma flor. No pátio da casa ao lado, viram abelhas trabalhando em uma laranjeira. Notaram uma plantação de morangos que ainda não estavam produzindo. Era projeto de outra turma da escola.

Ao retornarmos para a sala, fizemos no quadro um relato coletivo da observação, construído pelas crianças e por mim. Elas lembraram os detalhes, os registraram e os ilustraram em seus cadernos.

A partir da leitura do livro “O ciclo do mel”, de Cristina Quental, fizemos uma roda de conversa para as crianças conversarem sobre o que já sabiam sobre o assunto. Decidimos, em grupos previamente sorteados, registrar, por meio de mapas conceituais, o que já sabiam sobre as abelhas e o que gostariam de saber. Esse trabalho foi registrado em cartazes, posteriormente apresentados para outros grupos e expostos na parede. Isso tudo foi feito com o objetivo de explorar o acervo cultural das crianças.

Neste momento de conversas e de registros, houve muitos questionamentos. Um deles foi a divergência em relação a uma dúvida: todas as abelhas têm ferrão? Uma criança conhecia abelhas sem ferrão. Com isso, planejei momentos posteriores de atividades de pesquisa, sem ainda oferecer respostas.

Iniciamos a pesquisa com algumas questões: Como a colmeia é organizada? O que as abelhas fazem? Por que os favos são em formato de hexágono?

Primeiramente fomos à internet. Com uso do multimídia, a professora ia pesquisando, as crianças iam lendo e fazendo comentários a respeito. Para

esta atividade não fizemos registro no caderno. Depois, fizemos uma visita à casa de um biólogo que cria várias espécies de abelhas sem ferrão.



Fonte: Arquivo pessoal da professora.

As crianças observaram as abelhas trabalhando em suas colmeias. Receberam informações sobre seu ciclo de vida, observaram uma caixa abandonada de abelhas com ferrão e viram como ela é organizada: onde ficam os ovos, o mel, a cera e o própolis. Enfim, tivemos uma manhã de muito aprendizado e as crianças ficaram encantadas com as descobertas.

Ao retornarmos para a escola, escrevemos o relato coletivo de nossa visita. Escrevemos este relato para valorizar a escrita, pensando em sua função social e para retomarmos futuramente a esse lugar. Fizemos o uso do multimídia e interagimos com o objetivo de registrar nosso consenso na forma de texto. As crianças participaram com muito interesse, enquanto relatavam as informações coletadas na visita.

Propus, então, uma tarefa que deveria ser escrita juntamente com a família: a transcrição de uma receita em que um dos ingredientes fosse o mel. À medida que as receitas iam chegando, analisávamos seus ingredientes e percebemos que

bolacha de mel poderia ser feita na escola, porque seus ingredientes eram permitidos pela nutricionista. (No município de Capinzal, o açúcar não é permitido nas escolas de Educação Infantil e nos Anos Iniciais)

Decidimos, então, convidar a mãe do colega, cuja receita havia sido escolhida, para vir à escola nos ensinar a fazer a bolacha. Coletivamente escrevemos um convite para a mãe. A resposta positiva veio via *WhatsApp* para a professora e foi compartilhada com as crianças, que ficaram surpresos com a resposta.



Fonte: Arquivo pessoal da professora.

Na manhã em que a mãe veio à escola, a receita foi reescrita coletivamente. Aprendemos a lidar com os ingredientes e as suas quantidades. Assim, íamos conversando e colocando a mão na massa. Quando as bolachas ficaram prontas, organizamos um piquenique. Depois, criamos nosso livro com todas as receitas que havíamos recebido.

Dando continuidade ao trabalho, fizemos a leitura do livro: “Abelhas e ferroadas”, de Bárbara Martins. Sugeri que as crianças escrevessem uma história contando se já haviam sido picadas por uma abelha e, em caso positivo, descrevessem a situação: onde estavam, o que estavam fazendo e o que haviam feito para eliminar a dor. Caso não tivessem sido ferroadas, poderiam relatar por escrito a experiência de algum familiar. Ao finalizarmos a atividade, juntamos todos os relatos e produzimos um livro: “História de uma ferroadada”.

Também assistimos vídeos sobre a importância das abelhas para nossa existência e lemos vários textos científicos e literários, entre eles O

urso que tinha medo de abelhas (Editora Ciranda Cultural), *Zilhões de abelhas* (Donaldo Buchweitz), *Por dentro da colmeia* (Petra Bartikova), etc. Das muitas histórias lidas, algumas foram comentadas oralmente e com outras foram realizadas interpretações escritas nos cadernos. Mas foi com a leitura do livro “Polinização, a corajosa Zazá”, de Flora Botelho, que as crianças perceberam a real importância das abelhas. Em grupos, produzimos cartazes de conscientização para a preservação desses insetos.

Durante a execução do projeto, realizamos diversas parcerias. Com ajuda do biólogo, levamos para a escola uma caixa de abelha sem ferrão da espécie Jataí, da qual as crianças do segundo ano são guardiões. As crianças contaram para outras turmas da escola o que haviam aprendido, explicando a importância de cuidarmos das abelhas e da caixa ali existente. Em parceria com o professor de arte, pintaram o muro para embelezar o entorno e sinalizar o local da caixa das Jataís. Depois, fizeram o plantio de flores próximo ao local. No final do ano letivo, em parceria novamente com o biólogo, abrimos a caixa para ver como as abelhas se organizaram e como havia sido a produção do mel em nossa escola. Cada criança, ao fim da exploração, pôde registrar em seu caderno esta vivência. Em seguida, fiz apontamentos individuais a respeito desses registros.

No final do projeto, com a compreensão e o entendimento sobre o assunto, retomei a pergunta: Por que as abelhas são importantes?

Foram inúmeras as respostas: “São importantes pois fazem a polinização”. “Sem elas não teríamos muitos alimentos.” “Nossa vida estaria comprometida sem as abelhas.” Agora, com o que haviam aprendido, elas foram capazes de perceber, em relação ao plantio fracassado dos morangos da outra turma, que as abelhas eram necessárias para aumentar a produção e a qualidade dos frutos.

Ao concluir o ano, percebemos que as crianças avançaram em diferentes aspectos e áreas do conhecimento, tornando-se ativas e curiosas no processo de aprendizagem: essa forma de trabalho deu lugar para uma escrita viva e com sentido.

MURAL

DIALOGO COM O LEITOR

Meu nome é Jaqueline. Sou professora da Educação Infantil em Londrina (PR). Meu encontro com os boletins do NAHum aconteceu em 2024 e, desde então, venho promovendo uma relação mais significativa entre as crianças com a leitura e com a escrita. O trabalho com os caracteres e com a dupla caixa foram mudanças marcantes na minha prática pedagógica.

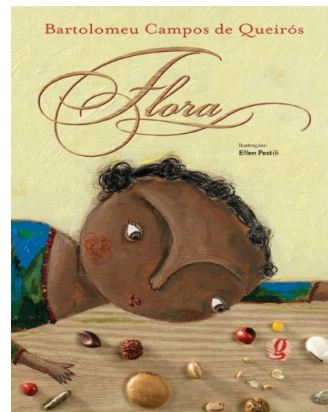
Os textos e as partilhas repletas de possibilidades contribuíram intensamente para que eu pensasse no meu fazer docente, apontando caminhos para uma alfabetização humanizadora. Essas contribuições têm permitido que eu e tantos outros professores, de diferentes lugares, ampliemos nossos conhecimentos por meio de conteúdos acessíveis, capazes de transbordar os muros da escola e transformar esses espaços em territórios vivos de relações com a cultura humana, envolvendo os atos de ler e de escrever.

LEITURA NA RODA



“O livro é, acima de tudo, um recipiente onde o tempo repousa. Uma prodigiosa armadilha com a qual a inteligência e a sensibilidade humanas venceram a condição efêmera, fluida, que levava a experiência do viver para o vazio do esquecimento” (Emilio Lledó. Los libros y la libertad). Com esta e mais quatro epígrafes igualmente encantadoras, de autores que percebem a magia que os livros representam, Irene Vallejo inicia seu livro “O Infinito em um Junco: a invenção dos livros no mundo antigo”: um presente de uma autora apaixonada por livros para leitores/as apaixonadas/os por livros e por história. Caminhando pela história dos livros, desde sua invenção, passando pela biblioteca de Alexandria e pela queda do Império

Romano, a autora se contrapõe à “enxurrada de previsões apocalípticas” que anunciam o fim do livro. Para ela, o livro, como a colher, a tesoura, a cadeira, o copo, o martelo, está entre os artefatos milenares que sobrevivem às inovações porque são difíceis de serem substituídos.



Flora é o nome da menina protagonista da história escrita por Bartolomeu Campos de Queirós que traz de forma delicada e sensível uma narrativa poética que retrata a infância, a força da natureza e o ciclo da vida. Flora guarda uma paixão pelas sementes e as observa minuciosamente refletindo sobre o mundo que se esconde nelas. A menina debruça sobre os grãos buscando descobrir o que aconteceria a cada momento com eles, lidando com o inusitado, a surpresa. Sabe morar em cada semente uma floresta, árvore, galho, folha e fruto. Contudo, nesse processo, é preciso paciência para outras vidas serem reinventadas.

FIQUE POR DENTRO

“Meu amigo Nietzsche” (2012) é um filme curta-metragem de Fáuston da Silva, contextualizado na periferia de Brasília. Conta a história de um garoto e as transformações que ocorrem em sua vida por meio da apropriação dos atos de ler. O curta evoca a reflexão sobre a leitura e a formação humana. Aprender a ler pode reservar muitas boas surpresas e abrir horizontes inimagináveis ... mais livros nas mãos dos meninos e das meninas e alguém que os ensine a ler os seus sentidos.

Link de acesso:

<https://www.youtube.com/watch?v=DN0qoSCJYII>